

A SENSIBILIDADE DO DESEMPREGO ÀS CONDIÇÕES DA ECONOMIA PARA DIFERENTES GRUPOS DE TRABALHADORES

Miguel Foguel¹
Maíra Penna Franca²

1 INTRODUÇÃO

A recente crise econômica no Brasil gerou uma grande perda de emprego e piora em vários indicadores do mercado de trabalho. A taxa de desemprego aumentou em mais de 6 pontos percentuais (p.p.) e a parcela dos desempregados que busca trabalho há um ano ou mais elevou-se 5 p.p. entre o segundo trimestre de 2014 e o primeiro trimestre de 2017. Desde então o mercado de trabalho vem se recuperando, mas a taxa de desemprego caiu apenas 1 p.p. até o segundo trimestre de 2018. Essas variações nos indicadores agregados de desemprego, no entanto, tendem a encobrir importantes diferenças entre distintos grupos de trabalhadores às mudanças das condições da economia. Em particular, os efeitos da recessão recente podem ser bastante heterogêneos para homens e mulheres, brancos e negros, jovens e adultos e trabalhadores mais e menos qualificados. Conhecer em que medida as oscilações da economia afetam o desemprego dos diferentes grupos socioeconômicos é uma tarefa importante, pois permite que se (re)desenhe a política pública de forma mais adequada às heterogeneidades desses grupos no mercado de trabalho.

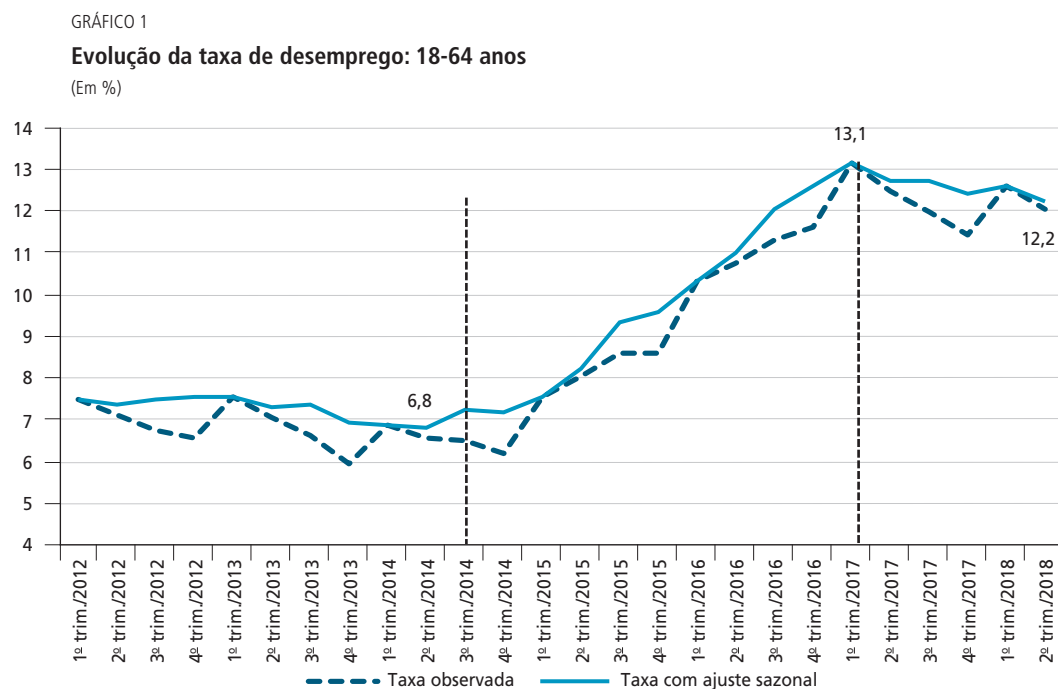
Em linha com essa tarefa, o objetivo desta nota é analisar quais grupos socioeconômicos (demarcados por sexo, cor, idade e escolaridade) apresentaram maior sensibilidade da incidência de desemprego e do tempo de busca por emprego às variações nas condições do mercado de trabalho. Para tanto, estimamos um modelo de regressão em que os indicadores de desemprego desses grupos são contrastados com taxa de desemprego das Unidades da Federação (UFs), que é uma das mais utilizadas medidas das condições econômicas locais onde vivem os trabalhadores. A análise procura também detectar se houve heterogeneidade de resposta do desemprego desses grupos à última recessão. A fonte de dados utilizada na análise é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período entre o primeiro trimestre de 2012 e o segundo trimestre de 2018.

1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <miguel.foguel@ipea.gov.br>.

2. Doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora no Ipea. *E-mail*: <maira.franca@ipea.gov.br>.

2 EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO

O gráfico 1 apresenta a evolução da taxa de desemprego agregada para os trabalhadores entre 18 e 64 anos ao longo do período de análise. A linha tracejada mostra a taxa de desemprego observada, enquanto a linha contínua a taxa de desemprego com ajuste sazonal trimestral.³ De 2012 até o segundo trimestre de 2014, a taxa de desemprego dessazonalizada oscilou em torno de uma média de 7,3%. A partir do terceiro trimestre de 2014 o desemprego seguiu uma trajetória de crescimento elevado e contínuo, passando de 6,8%, no segundo trimestre de 2014, para 13,1%, no primeiro trimestre de 2017, um aumento de mais de 6 p.p. A partir de então, a taxa começa a cair de forma continuada, tendo atingido 12,2% no segundo trimestre de 2018.



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Embora a datação de períodos de recessão seja tipicamente realizada com base em um conjunto de indicadores de desempenho da economia (notadamente o produto interno bruto – PIB), optamos por demarcar períodos de recessão usando os pontos de mínimo e máximo da própria taxa de desemprego. A principal razão para fazermos essa opção é que o mercado de trabalho costuma responder com dessincronia às flutuações do nível de atividade econômica. Assim, como pode ser observado pelo gráfico 1, o período de recessão recente foi demarcado entre o terceiro trimestre de 2014 e o primeiro trimestre de 2017, que representam, respectivamente, o trimestre seguinte ao ponto de mínimo e o trimestre do ponto de máximo da série da taxa de desemprego dessazonalizada.

3. A taxa dessazonalizada foi obtida a partir de uma regressão da taxa observada contra *dummies* de trimestre.

Utilizando essa demarcação do período de recessão, a tabela 1 apresenta as variações na taxa de desemprego dessazonalizada e na proporção de desempregados com doze meses ou mais de busca por trabalho para o caso agregado e por grupo socioeconômico. A tabela revela que a variação na taxa de desemprego foi elevada para todos os grupos e que há diferenciação nessa variação entre eles. Entre os grupos de sexo/cor, as mulheres negras experimentaram o maior aumento absoluto na taxa de desemprego (8 p.p., representando uma taxa 80% maior que antes do início da recessão), ao passo que o menor aumento foi para os homens brancos (4,6 p.p., ou 99% em termos relativos). No que tange à escolaridade, houve um aumento de 7 p.p. (106%) na taxa de desemprego dos trabalhadores com ensino médio incompleto e de 5,9 p.p. (85%) dos com o médio completo. Em relação à faixa etária, os jovens, que já apresentavam uma taxa elevada, tiveram um aumento de 10,6 p.p. (86%), ao passo que os adultos experimentaram um aumento bem menor, de 4,8 p.p. (109%).

TABELA 1

Taxa de desemprego e proporção de desempregados que buscavam trabalho há doze meses ou mais
(Em %)

Grupos socioeconômicos	Taxa de desemprego			Busca por trabalho há doze meses ou mais		
	2014.2	2017.1	Varição (p.p.)	2014.2	2017.1	Varição (p.p.)
Total	6,8	13,1	6,4	34,5	39,5	4,9
Sexo e cor						
Homens brancos	4,7	9,3	4,6	29,1	36,1	7,0
Homens negros	6,5	13,4	7,0	27,1	32,6	5,5
Mulheres brancas	6,4	11,7	5,3	39,5	42,4	2,9
Mulheres negras	10,0	18,0	8,0	41,3	46,2	4,9
Escolaridade						
Ensino médio incompleto ¹	6,6	13,6	7,0	30,4	36,5	6,2
Ensino médio completo ²	6,9	12,8	5,9	38,0	41,7	3,7
Faixa etária						
18-29 anos	12,4	23,0	10,6	34,0	40,4	6,3
30-64 anos	4,4	9,2	4,8	35,1	38,5	3,4

Fonte: Pnad Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Notas: ¹ Sem instrução, fundamental incompleto, fundamental completo e médio incompleto.

² Médio completo, superior incompleto e superior completo.

A tabela 1 também mostra que, entre o início e o final da recessão, houve um aumento da proporção de desempregados buscando emprego por doze meses ou mais de 34,5% para 39,5%, ou seja, uma variação de 5 p.p. Há também alguma heterogeneidade nas variações desse indicador de desemprego entre os grupos socioeconômicos. Entre os de sexo/cor, observa-se que os homens – em especial os brancos – foram os que experimentaram o maior aumento da parcela de desempregados de longo prazo, de 7 p.p., seguidos pelos homens negros, com aumento de 5,5 p.p. A elevação nesse indicador foi menor para as

mulheres do que para os homens. Entre os grupos de escolaridade, o maior aumento foi para os com ensino médio incompleto (6,2 p.p.). Tal como para a taxa de desemprego, os jovens experimentaram um aumento mais elevado no indicador de desemprego de longo prazo do que os adultos (6,3 p.p. contra 3,4 p.p., respectivamente).

3 SENSIBILIDADE DO DESEMPREGO POR GRUPOS SOCIOECONÔMICOS

3.1 Metodologia

Variações brutas nos indicadores de desemprego são informativas sobre as diferenças entre os recortes socioeconômicos, mas não são capazes de controlar para mudanças de composição ou de desempenho desses grupos no mercado de trabalho. Por exemplo, como os jovens estão se tornando cada vez mais escolarizado e as estruturas etárias por sexo/cor estão se alterando, a diferença bruta para cada grupo isolado incorpora as mudanças de composição no interior de cada grupo. A existência de mudanças heterogêneas de desempenho dos recortes socioeconômicos no mercado de trabalho – por exemplo, na taxa de participação das mulheres e dos jovens – faz com que as diferenças brutas também embutam essas distintas tendências. Uma forma de contornar esses problemas é utilizar um modelo de regressão no qual esses fatores possam ser controlados. Assim, para medir a sensibilidade dos indicadores de desemprego dos trabalhadores de diferentes grupos socioeconômicos às condições do mercado de trabalho, utilizamos um modelo de regressão que procura levar em consideração a influência desses fatores.

Mais especificamente, empregamos um modelo de regressão linear baseado em Hoynes, Miller e Schaller (2012) cuja variável dependente (γ) é um indicador de desemprego (taxa de desemprego ou proporção de desempregados com doze meses ou mais de procura por emprego) para um grupo (g) definido pelo cruzamento entre sexo, cor (branco e negros), nível de escolaridade (ensino médio incompleto e ensino médio completo) e faixa etária (18-29 e 30-64 anos), para cada trimestre/ano (t) em cada UF (s). Para medir as condições do mercado de trabalho local, seguimos a literatura (Blanchard e Katz, 1992; Hoynes, Miller e Schaller, 2012) em utilizar a taxa de desemprego no nível das UFs. A equação de regressão utilizada é:

$$\gamma_{gst} = \beta_{grupo} TxDesmp_{st} + \theta_g^{Sexo/Cor} + \theta_g^{Faixa Etária} + \theta_g^{Escolaridade} + \alpha_s + \delta_t + ano_t \gamma_s + \varepsilon_{gst}, \quad (1)$$

onde $TxDesmp_{st}$ é a taxa de desemprego agregada no nível da UF; $\theta_g^{Sexo/Cor}$, $\theta_g^{Faixa Etária}$ e $\theta_g^{Escolaridade}$ são vetores de variáveis binárias que indicam os grupos especificados nos sobrescritos; α_s são efeitos fixos de UF; δ_t são efeitos fixos de trimestre/ano; γ_s captam tendências lineares específicas da UF; e ε_{gst} é um termo de erro. Essa regressão foi estimada separadamente para cada grande grupo, como homens brancos, mulheres negras, jovens (18-29 anos), adultos (30-64 anos), ensino médio incompleto etc., excluindo-se o vetor de variáveis binárias correspondente ao grupo na estimação. O coeficiente de interesse é β_{grupo} , que nos fornece a magnitude da sensibilidade do indicador de desemprego de cada grupo à taxa de desemprego da UF.

A fim de averiguar se existe alguma diferenciação na sensibilidade dos indicadores de desemprego às mudanças nas condições econômicas no período de recessão, a equação (1) foi estendida com a inclusão de uma interação entre a variável $TxDemp_{st}$ e uma *dummy* que marca o intervalo de recessão (do terceiro trimestre de 2014 ao primeiro trimestre de 2017). O coeficiente associado a essa interação permite verificar se as variações no mercado de trabalho durante a recessão recente afetaram de forma heterogênea os diferentes grupos analisados.

3.2 Resultados

As estimativas do coeficiente de interesse e do intervalo de confiança de 95% para cada grupo analisado estão apresentadas nos gráficos 2 a 5. Os gráficos 2 e 3 mostram os resultados para a taxa de desemprego de cada grupo, e os gráficos 4 e 5 para a proporção de desempregados buscando trabalho há doze meses ou mais. O primeiro gráfico de cada par (gráficos 2 e 4) contém os resultados para a sensibilidade do indicador de desemprego às variações nas condições econômicas sem diferenciar momentos de recessão ou expansão. O segundo gráfico do par (gráficos 3 e 5) mostra o diferencial dos resultados entre o período de recessão (terceiro trimestre de 2014 a primeiro trimestre de 2017) e o restante do período. A interpretação de cada ponto nos gráficos é que um aumento de 1 p.p. na taxa de desemprego de uma UF está associado a uma variação em pontos de porcentagem no indicador de desemprego em análise correspondente ao valor da estimativa apresentada para cada grupo indicado no eixo horizontal.

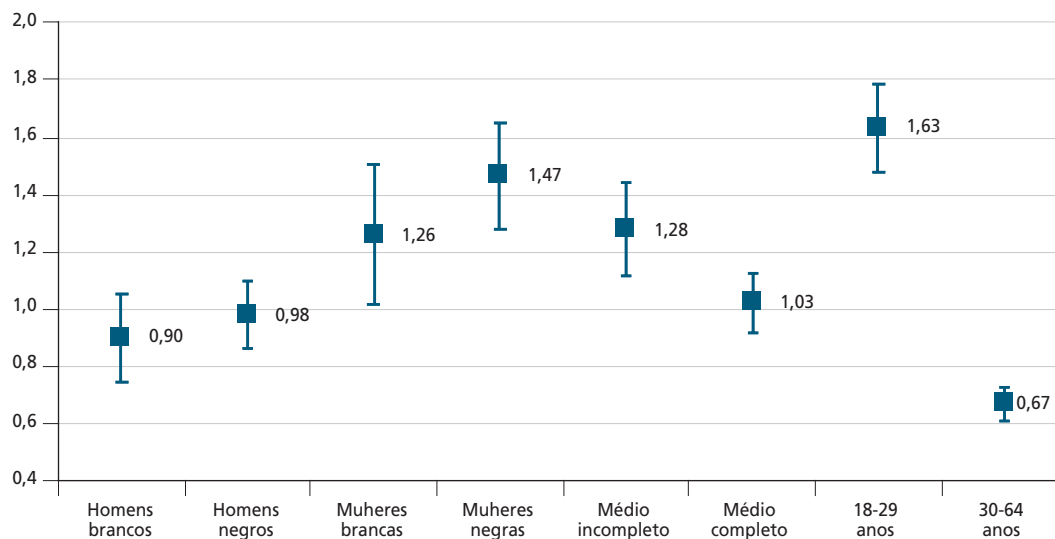
O gráfico 2 mostra que as mudanças nas condições econômicas afetam de forma heterogênea a taxa de desemprego dos grupos. Analisando os resultados por sexo/cor, nota-se que a taxa de desemprego das mulheres negras é significativamente mais sensível às oscilações do mercado de trabalho que a dos homens. Especificamente, quando uma UF experimenta um aumento de 1 p.p. na taxa de desemprego, as mulheres negras daquela UF sofrem, em média, um aumento de 1,5 p.p. na sua taxa de desemprego, ao passo que os homens brancos ou negros experimentam um aumento de cerca de 1 p.p. Há uma diferença pontual de 0,2 p.p. entre as mulheres negras e brancas, mas essa diferença não é significativa do ponto de vista estatístico. O mesmo pode ser dito em relação à diferença entre as mulheres brancas e os homens. Não há diferença de resposta entre os dois grupos masculinos. Em relação aos grupos etários, os jovens são consideravelmente mais afetados que os adultos pelas mudanças nas condições econômicas: um aumento de 1 p.p. na taxa de desemprego de uma UF eleva, em média, a taxa de desemprego dos jovens dessa UF em 1,6 p.p., um resultado que é mais que o dobro do verificado para adultos (0,7 p.p.). No que tange aos grupos educacionais, os resultados mostram uma diferença de 0,3 p.p. entre os grupos com ensino médio incompleto e completo, porém essa diferença não é estatisticamente significativa.⁴

4. A maior parte desses resultados é semelhante aos resultados apresentados em Hoynes, Miller e Schaller (2012) para os Estados Unidos. A exceção são os grupos educacionais, para os quais há uma diferença marcante entre os com ensino médio incompleto e completo.

GRÁFICO 2

Efeito da taxa de desemprego por UF sobre a taxa de desemprego por grupo de sexo/cor, escolaridade e faixa etária

(Em p.p.)



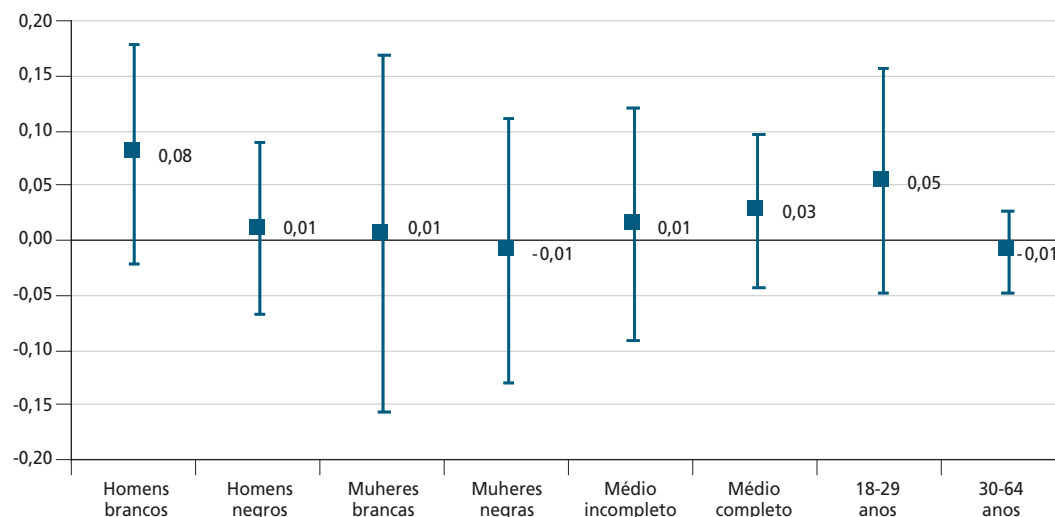
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

O gráfico 3 reporta os coeficientes da interação entre as variáveis de taxa de desemprego por UF e a *dummy* que marca o período recessivo. Os resultados indicam que a resposta da taxa de desemprego dos grupos durante a recessão não foi alterada. Os coeficientes associados à interação são estatisticamente iguais a zero, o que sugere que a recessão não afetou de maneira heterogênea a sensibilidade dos grupos socioeconômicos ao aumento da taxa de desemprego.

GRÁFICO 3

Efeito da taxa de desemprego por UF durante a recessão sobre a taxa de desemprego por grupo de sexo/cor, escolaridade e faixa etária

(Em p.p.)



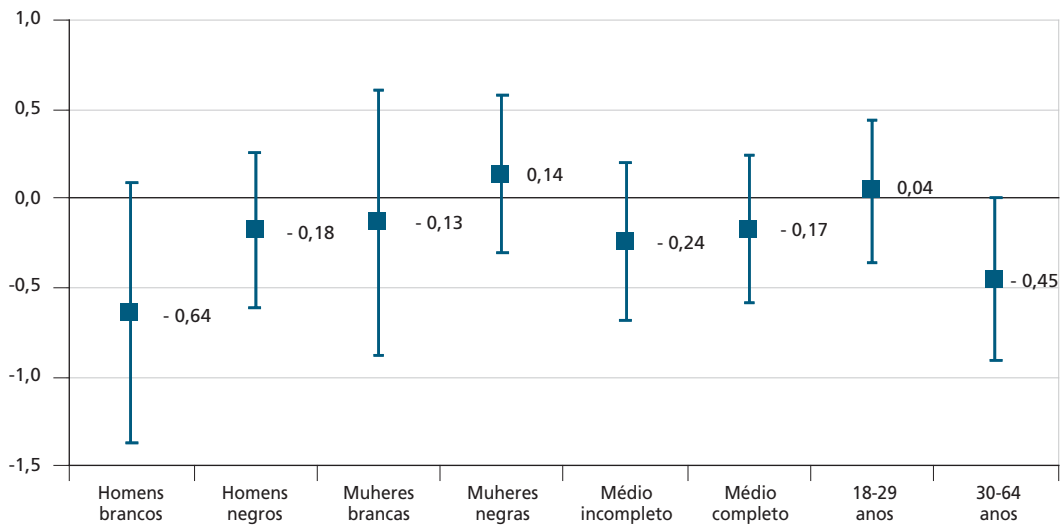
Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

As mudanças nas condições econômicas podem levar tanto a variações no número de pessoas que passam a buscar emprego quanto a variações no tempo em que os desempregados se mantêm nessa condição. No gráfico 4 investigamos se um aumento de 1 p.p. na taxa de desemprego da UF está associado a uma variação na proporção de desempregados de longo prazo para cada grupo socioeconômico. Os resultados indicam que essa associação não somente tem magnitude baixa, mas também que não é estatisticamente diferente de zero para todos os grupos analisados. Assim mesmo, é possível notar um padrão de heterogeneidade entre os grupos semelhante ao verificado para a taxa de desemprego, isto é, com as mulheres negras experimentando um resultado mais adverso que os homens brancos, o mesmo se passando na comparação dos jovens com os adultos.

GRÁFICO 4

Efeito da taxa de desemprego por UF sobre a proporção de desempregados com busca por emprego de doze meses ou mais por grupo de sexo/cor, escolaridade e faixa etária

(Em p.p.)

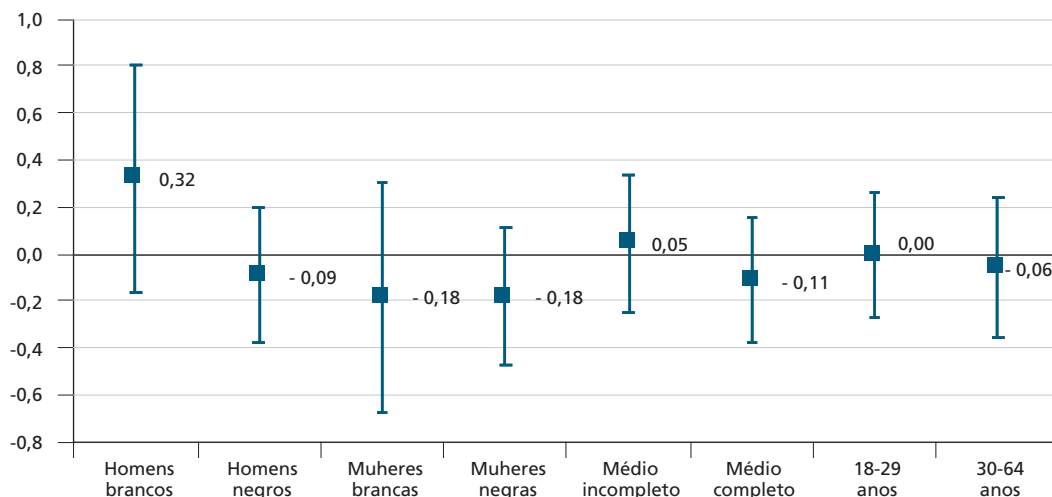


Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Por fim, o gráfico 5 mostra que não houve variação na resposta do desemprego de longo prazo às flutuações econômicas quando se compara o período de recessão com o restante do período. De fato, para todos os grupos investigados, a magnitude da resposta foi muito próxima de zero, além de estatisticamente não significativa.

GRÁFICO 5

Efeito da taxa de desemprego por UF durante a recessão sobre a proporção de desempregados com busca por emprego de doze meses ou mais por grupo de sexo/cor, escolaridade e faixa etária
(Em p.p.)



Fonte: Pnad Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta nota analisamos quais grupos socioeconômicos (demarcados por sexo, cor, idade e escolaridade) apresentaram maior sensibilidade da incidência de desemprego e de busca por emprego por mais de um ano às variações nas condições do mercado de trabalho. Para isso, foram usados os dados da Pnad Contínua do IBGE para o período compreendido entre o primeiro trimestre de 2012 e o segundo trimestre de 2018.

Os dados da Pnad Contínua revelaram que, do segundo trimestre de 2014 ao primeiro trimestre de 2017, a taxa de desemprego aumentou em mais de 6 p.p., e a parcela dos desempregados que busca trabalho há um ano ou mais elevou-se 5 p.p. A variação na taxa de desemprego foi elevada para todos os grupos socioeconômicos durante esse período. No entanto, há alguma diferenciação entre esses grupos. Os jovens, de 18 a 29 anos, apresentaram o maior aumento absoluto, de 10,6 p.p. No recorte por sexo/cor, as mulheres negras apresentaram o maior aumento da taxa de desemprego, de 8 p.p. No que tange à escolaridade, houve um aumento de 7 p.p. na taxa de desemprego dos trabalhadores com ensino médio incompleto e de 5,9 p.p. dos com o médio completo.

No exercício empírico em que se procurou relacionar de forma controlada a taxa de desemprego dos diversos grupos com as oscilações do mercado de trabalho, esses resultados foram em larga medida corroborados. A taxa de desemprego dos grupos de jovens e de mulheres negras apresentou maior sensibilidade ao ciclo econômico em relação às suas contrapartes. Entre os dois grupos educacionais não houve diferença significativa.

Já no que tange ao desemprego de longo prazo, medido pela proporção de desempregados que buscavam trabalho há doze meses ou mais, os resultados do exercício

empírico não são tão claros. Apesar de se ter verificado um aumento na proporção de desempregados que buscavam trabalho há pelo menos doze meses para todos os grupos socioeconômicos, não ficou comprovado que exista uma diferenciação na sensibilidade desse indicador às flutuações econômicas.

Os resultados do exercício empírico também mostraram que não houve diferenciação marcante entre os grupos na sensibilidade dos indicadores de desemprego (taxa de desemprego e desemprego de longo prazo) quando se comparam o período de recessão recente e os períodos não recessivos. Isso indica que, embora haja alguma heterogeneidade entre os grupos nas respostas às mudanças nas condições do mercado de trabalho em geral, essa heterogeneidade não se altera de forma expressiva em momentos de recessão.

REFERÊNCIAS

BLANCHARD, Olivier; KATZ, Lawrence F. Regional evolutions. **Brookings Papers on Economic Activity**, n. 1, p. 1-76, 1992.

HOYNES, Hilary W.; MILLER, Douglas L.; SCHALLER, Jessamyn. Who suffers during recessions. **Journal of Economic Perspectives**, v. 26, n. 3, p. 27-47, 2012.

